

## Carta aos editores

*No quadro do debate franco e aberto que a Revista Portuguesa de Musicologia procura promover entre os membros da comunidade de investigação em música, publicamos neste número uma carta que nos foi enviada por Bruno Caseirão, respondendo à recensão de Maria José Artiaga sobre o seu livro O essencial sobre Viana da Mota (Lisboa, INCM, 2020), que integrou o segundo número do volume sete da nova série da nossa revista (pp. 357-61), número que contou com um dossier temático intitulado «Viana da Mota: Novas perspectivas», coordenado por Luísa Cymbron e Christine Wassermann Beirão. A nossa publicação sempre tem pugnado, desde o seu início, pelo respeito da pluralidade de abordagens e pela diversidade de orientações metodológicas que fazem a riqueza das ciências musicais, reconhecendo a importância da polémica no necessário diálogo entre entendimentos divergentes do que deve ser a investigação em música. Consideramos também fundamental que seja estimulada a discussão sobre os desafios colocados pelas diferentes modalidades de divulgação científica e, em particular, sobre a importância do rigor científico nas iniciativas de transferência de conhecimento a públicos mais alargados. Maria José Artiaga, consultada pelos editores da revista, considerou que «não tinha mais nada a acrescentar» aos comentários já publicados na referida recensão.*

*A equipa editorial da RPM*

Ex.<sup>mos</sup> Senhores Editores da *Revista Portuguesa de Musicologia*

Li atentamente a recensão da Professora Doutora Maria José Artiaga sobre *O Essencial sobre Viana da Mota* e sou forçado a concluir que a Autora desconhece a coleção «O Essencial» da INCM. Falamos de uma coleção de divulgação e síntese para o público em geral, procurando apresentar – como o próprio nome indica – o «essencial» de uma personalidade, de um tema, etc., focada na(o) mesma(o). Estão em causa livros em formato de bolso, em torno das 100 páginas e número limite de palavras e caracteres, com os requisitos editoriais de poucas citações e notas de rodapé, ou seja, claramente num âmbito bem distinto de um artigo científico, tese de mestrado ou doutoramento.

Ao ler a crítica em causa, a sensação mais estranha é a de, enquadrado no âmbito de uma coleção do que se considera ser o fundamental, forçosamente de dimensão e teor limitado, ter idealizado «um» livro para um público vasto, tentando encontrar o equilíbrio entre aquele menos e o mais conhecedor e que também este último encontrasse no livro algo novo e interessante. Deprendo pela recensão que, a sua autora, o tenha lido numa perspetiva diametralmente oposta, não só ao ideário da coleção, como contrariando aliás o *feedback* muito positivo que o livro tem tido, tanto de leitores anónimos como por académicos e profissionais da música e mesmo daqueles que conhecem bem o percurso e relevância de Viana da Mota.

Só assim se compreende que, numa revista claramente de âmbito universitário e científico, se tenha elaborado uma recensão tão deslocada da própria realidade do livro.

Não escondo a admiração que tenho por Viana da Mota, mesmo que tal possa ter levado a um estilo de escrita que, segundo Artiaga, prejudica a obra e sua leitura.

O que não posso aceitar – nem aceito – são acusações de que os assuntos não são «tratados à luz dos dados mais atuais, com rigor crítico, sustentado no conhecimento histórico que foi sendo produzido», ou de que «há frases citadas sem a devida identificação da fonte». Quem tiver o cuidado de ler ou consultar o livro rapidamente chegará à conclusão do que afirmo, inclusive constatará que, até o ensaio da Christine Wassermann Beirão, escrito para a *Seara Nova*, como *José Vianna da Motta: Correspondência com Margarethe Lemke 1885-1908*, sendo seguramente esta a última publicação de grande relevo sobre o músico português, ambos de 2018, são utilizados e citados ao longo do texto.

Outras considerações como «apresenta lugares-comuns há muito ultrapassados, como, por exemplo, quando o autor afirma que: “A formação de grande rigor, essencialmente alemã, era complementada por uma sede de saber, de conhecimento multidisciplinar e rara sensibilidade, porventura mais latina”» ou «O domínio técnico, em profunda osmose com a dimensão filosófica da

obra, longe de ser cerebral, não era também “intelectualizada”, pois Viana da Mota compreendia que um instrumentista não é propriamente um intelectual. [...]». Não são lugares-comuns, mas sim reflexo do meu entendimento, mesmo que na linha da abordagem de João de Freitas Branco, ou do próprio Viana da Mota nos seus textos. Mais uma vez o reitero, tendo o cuidado de nomear, citar ou indicar a(s) obras(s) consultada(s).

Aliás, se o âmbito do livro fosse outro, teria tido todo o ensejo em explicar detalhadamente algumas passagens e afirmações que faço no livro, bem como proceder a uma análise detalhada do nacionalismo, que – pasme-se – não é o tema central do livro.

A afirmação «na ânsia de enaltecer a figura biografada, Caseirão isola-a do seu contexto histórico, quer no âmbito nacional como internacional, o que o leva a fazer várias afirmações abusivas», mais uma vez, por tudo o que já afirmei anteriormente, não posso concordar, e considero que, no mínimo, a afirmação de Artiaga, essa sim é abusiva. Se é certo que quero comunicar e passar a ideia de que Viana da Mota teve um percurso excepcional, nunca o fiz retirando o valor a alguém, e sim, até pelo âmbito do livro, como aliás a maior parte dos autores desta coleção, entre eles o próprio Professor Doutor Mário Vieira de Carvalho no *Essencial sobre Fernando Lopes-Graça*, colocando o enfoque na figura de Viana da Mota.

O mesmo sucede nas questões do nacionalismo musical e do conservatório. Mais uma vez, contrariando as afirmações de Artiaga, o texto cita diversos autores de referência da atualidade como Mário Vieira de Carvalho, Paulo Ferreira de Castro, Teresa Cascudo e Rui Vieira Nery, Alexandre Delgado, Luísa Cymbron, etc., e da simples leitura resulta que cito Rui Vieira Nery, em 2015, na questão do Conservatório «verdadeira revolução no sistema do ensino musical público» (p. 75 do meu texto) e quanto à questão do «nacionalismo» em concreto utilizo a expressão «iniciador» (p. 33) muito próxima a uma outra utilizada por Mário Vieira de Carvalho, em 2017, «introdutor do nacionalismo musical português» (p. 67 do meu texto).

Como se compreenderá pelo exposto, a minha intenção não foi a de «distorcer o contexto em que ele viveu» ou fazer dele «uma figura isolada no tempo e dos locais onde viveu», e sim, indo ao encontro das características da coleção e limites editoriais, procurar mostrar como Viana da Mota, numa narrativa que se foca no seu percurso de vida e de artista, fez parte, integrou e se destacou nesse tempo e locais, mais uma vez, repito, na linha não só da coleção como indo ao encontro do *Essencial sobre Fernando Lopes-Graça* de Mário Vieira de Carvalho, por quem tenho grande amizade e admiração profissional.

Este livro destina-se primordialmente ao leitor que procura saber o indispensável e estará certo de que o que lê resulta de uma investigação rigorosa, não obstante sumária, que procurou conhecer a vida e obra de Viana da Mota. No sentido em que abrange a produção musical e ensaística, a leitura dos diários, cartas e livros publicados de/e por este artista, como a investigação baseada em

investigadores e autores de referência, o contacto com estes e aqueles que foram seus alunos, com artistas que o conheceram e/ou o tocaram ou cantaram, procura também estimular e despertar para que este, posteriormente, queira aprofundar o seu conhecimento sobre o homem, a obra e legado(s).

Bruno Caseirão

*1 de Fevereiro de 2022*